

PROJETO BAILAR: CONTRIBUIÇÕES PARA AS MUDANÇAS DE ROTINA DO GRUPO BAILA CASSINO

NATALIA CRISTINA DE CAMARGO¹; CLAUDILENE CASTRO DE LIMA²;
REBECA PEREIRA SAN MARTINS³; HELENA ACOSTA DIAS⁴ DANIELA
CASTRO⁵

¹*Universidade Federal de Pelotas – nataliacmg@yahoo.com.br*

²*Universidade Federal de Pelotas – Di-DançaUFPel@outlook.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – becasanmartins@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – helenaacostadias@gmail.com*

⁵*Universidade Federal de Pelotas – danielallopcastro@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma das ações realizadas no Projeto de Extensão Bailar: Núcleo de Dança na Maturidade da Universidade Federal de Pelotas, em que tem como idealizadora e atualmente coordenadora a professora Drª Daniela Castro. Na presente escrita teremos como enfoque apresentar o grupo Baila Cassino, o qual está vinculado ao projeto de extensão já mencionado, como também as percepções e reflexões das atuais bolsistas e monitoras que participam de maneira ativa em uma das ações existentes deste projeto, as aulas do grupo.

O grupo existe há cerca de 13 anos na cidade de Rio Grande e funciona na sala fitness da Sociedade Amigos do Cassino, mas somente em 2012 passou a vincular-se ao Projeto Bailar. Tem como foco produzir composições e montagens destinadas a apresentações ao público. Com isso, já realizou sete espetáculos e circulou por diversas cidades e até mesmo no exterior. São eles: Ritmos da Vida (2008); Salão Paraíso (2010); Mosaico (2011); Mama Mia (2012); Olé (2014); Apenas Mulher (2015) e A Galeria (2018). Percebe-se a longa trajetória do grupo e as inúmeras vivências e experiências artísticas nesses anos, porém, neste texto, teremos como foco principal as mudanças ocorridas na rotina do grupo perante a atual situação que estamos vivendo, a pandemia do COVID-19.

2. METODOLOGIA

Após a vinculação do Grupo Baila Cassino ao projeto Bailar, os encontros passaram a ser realizados quatro vezes na semana e dividiam-se entre aulas, processos coreográficos, exercícios, além de discussões sobre os métodos criativos e planejamento das ações que seriam executadas. As autoras Castro, Gonçalves, Sayão, San Martins e Santos (2016, p.100), relatam que “o projeto de extensão Bailar possui a preocupação de realizar o que se denomina pesquisa em arte, tendo como objetivo a criação e apresentação de obras artísticas autorais”.

Segundo as autoras, para tais criações, as ideias buscam aproveitar aspectos subjetivos das bailarinas integrantes, tais como sensações, percepções, memórias e intuições em relação ao tema em questão. Diferenciando-se do método diretivo de construção coreográfica, onde o professor e/ou coreógrafo direciona e especifica os movimentos de acordo com o objetivo e as necessidades do trabalho, também é utilizado no grupo o processo de criação coletiva, em que os elementos coreográficos são criados juntamente com as integrantes, partindo dos resultados desses exercícios de improvisação e estimulação. Isto faz com que as bailarinas agucem sua criatividade e também sejam interpretes criadoras nas composições.

Além desses momentos de aprendizado, criação e estudos, os encontros também funcionavam como um momento de muito diálogo, troca de ideias, lazer e descontração para as integrantes.

Porém, neste ano de 2020 está um pouco diferente. Com as medidas de isolamento social não é mais possível realizar os encontros presenciais, mas, conforme Benefícios (2020) sabemos que um dos benefícios mais notáveis da dança na maturidade é a capacidade de reduzir os sintomas associados à depressão, ao isolamento e à solidão, por isso, e com esse cuidado, fez-se necessário um reinventar-se: o Grupo Baila Cassino teve que se adaptar ao mundo virtual e assim as aulas tiveram que começar a ocorrer de modo on-line.

Hoje os encontros acontecem apenas duas vezes na semana, com duração que varia de uma a uma hora e meia. Os professores atuantes se esforçam para manter a metodologia das aulas semelhante ao que era no modo presencial e procuram estimular a presença das alunas com atividades e projetos diversos, para que elas não se sintam desanimadas e nem tenham a sensação de estarem regredindo física e artisticamente, pois tinham uma agenda movimentada por conta das apresentações e ensaios.

Logo quando as aulas começaram no modo virtual, foi proposto a criação de uma vídeo-dança que, segundo o autor Romero (2008, p.106), é uma “ação artística que apresenta pressupostos próprios de comunicação e linguagem, promovendo o cruzamento de elementos da dança, videoarte performance e tecnologia digital”. Para gravação do trabalho, as bailarinas utilizaram como cenário os jardins das suas casas e como figurino uma saia já utilizada em um dos espetáculos do grupo. Esta atividade foi proposta com o intuito de entusiasmá-las e, também, manter a conexão e relação viva entre as alunas e professores, tendo sido utilizado um objeto cênico – uma flor, a qual simbolizava essa união.

Posteriormente o grupo participou do edital FAC DIGITAL RS, ofertado pela Secretaria de Estado da Cultura – SEDAC, onde o Grupo Baila Cassino obteve aprovação. Para esse trabalho foi criado um vídeo arte, onde utilizou-se trechos dos espetáculos já dançados pelo grupo ao longo da sua trajetória.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As primeiras aulas foram realizadas através da plataforma Facebook. A escolha se deu devido ao fácil acesso e praticidade que esta rede social oferece para atender as demandas dos encontros on-line. As aulas eram realizadas no modo live, onde apenas o vídeo do professor ficava disponível para ser assistido. No entanto, as alunas questionavam muito o fato de não poderem se observar fazendo os exercícios e nem conseguirem “sentir” a presença das companheiras. Também o professor não tinha a possibilidade de realizar as correções necessárias durante as atividades propostas. A partir dessas questões, uma das alunas sugeriu a utilização de outra plataforma digital que possibilitaria a interação entre as bailarinas e um melhor acompanhamento do professor durante as aulas.

Inicialmente foi percebido certa resistência e dificuldade de algumas integrantes na transição de plataforma, pois estavam acostumadas com a anterior por ser de uso mais comum, antes mesmo da pandemia. Foi neste momento que as bolsistas entraram para dar um apoio extremamente importante à continuidade do projeto.

A criação de tutoriais para instalação do aplicativo e utilização do programa pelo computador, facilitou a familiarização das bailarinas com a nova sistemática das aulas. Para isso, as alunas que tinham dúvidas ou dificuldades no acesso entravam em contato com a bolsista e monitoras, em um horário pré-determinado

para sanar as dúvidas ou qualquer dificuldade que pudessem ter sobre o uso deste novo meio de acesso. As dúvidas frequentes eram: como instalar o aplicativo, de que forma abrir o link encaminhado pelos professores, como ligar e desligar a câmera e o microfone e posicionar o celular e/ou computador em local apropriado para que o professor pudesse acompanhá-las da melhor forma.

Essa nova plataforma utilizada, foi como uma *injeção* de ânimo para elas, pois se reanimavam a cada encontro virtual, podendo estarem realmente “*presentes*”. São nesses momentos difíceis que vemos como a amizade e o companheirismo fortalece, ainda mais, a relação de amor e carinho que têm ao praticarem as aulas de dança. Ao terem a oportunidade de se reencontrar e se enxergarem dançando, a energia voltou a vigorar e passou a ser animação total. É visível perceber o apoio que cada uma oferece a outra, sempre nos ensinando algo diferente. Apesar de todas essas mudanças, o andamento das aulas está ocorrendo muito bem e aos poucos as bailarinas se adaptam a esta nova forma de estarem juntas.

Os encontros são realizados às terças-feiras pela manhã e às sextas-feiras no período da tarde, com duração em média de uma a uma hora e meia. Nos primeiros dias gastava-se cerca de 15 minutos para que elas pudessem se organizar com relação ao posicionamento da câmera, funções de ligar e desligar o microfone e até as configurações e disposição dos vídeos dos outros participantes. Conforme foram se familiarizando ao aplicativo utilizado, esse tempo foi reduzido, hoje todas acessam com facilidade e conseguem alternar o microfone para quando querem falar durante as aulas.

No início há sempre uma conversa, um momento para se cumprimentarem e saber se estão todas bem. Quando já estão quase todas presentes, inicia-se a aula. Cada professor tem sua didática e maneira de ministrar a aula, mas em geral, a estrutura dos encontros é composta de um aquecimento para acordar o corpo, seguido de alongamento e uma sequência coreográfica, com movimentos que exercitam a memória e criatividade das integrantes do grupo.

É lindo ver o desenvolvimento de cada bailarina, seja em relação à utilização deste meio tecnológico ou em suas evoluções com a dança e percepções sobre seu próprio corpo. É visível a disposição à novas descobertas e aprendizados, sendo sempre muito otimistas, independentemente da situação. Mesmo que essa rotina tecnológica as sobrecarregue de informações e gere algum tipo de stress, quando elas expõem seus problemas e anseios para o grupo, todas estão dispostas a ajudar e apoiar. Em geral elas têm uma grande habilidade e intimidade com as redes sociais, pois já as utilizavam para comunicação e aproximação de pessoas e amigos distantes, agora dando mais um significado para a tecnologia disponível.

4. CONCLUSÕES

Presenciar essa vivacidade e força de vontade que emana em um grupo da maturidade é inspirador. Faz com que possamos refletir sobre nossa prática enquanto futuras professoras de dança, proporcionando uma construção de diferentes saberes, visão sobre o mundo e nosso próprio corpo. Poder adaptar-se aos novos espaços limitados para a dança e o movimento, fazer com que movimentos pequenos e cotidianos se transformem em dança, em arte para apreciação de todos.

A bolsista relata que participar desse projeto esteve em seus planos desde quando ingressou no curso de Dança Licenciatura da UFPel no ano de 2019, pois já trabalhou como professora de dança em escolas não formais e esta faixa etária é a que ela mais se identifica e gosta de trabalhar, porém nunca havia imaginado sua atuação nessas condições tão específicas e de maneira ímpar, em meio a uma

pandemia e encontros virtuais. O maior aprendizado extraído do contato com as *bailetes* é a troca. É o contato direto com elas, conhecer seus anseios com a dança, ver a dedicação de cada uma com a arte e o prazer que sentem em estarem ali, virtualmente presentes, cuidando de si e das outras e aprendendo sempre.

Uma das monitoras menciona o quanto é gratificante ter esse tipo de experiência desde o início do curso, como também o enorme aprendizado que se adquire. Diz que foi uma forma de reinvenção para o grupo todo, conseguir manter as atividades mesmo em meio a essa quarentena, o que provou o quanto o grupo é unido e disposto a mudanças, mesmo quando pareceu impossível a continuidade dos trabalhos que sempre foram realizados presencialmente.

Além de ensinar e aprimorar o uso das tecnologias para elas, a troca que nós, bolsista e monitoras, tivemos, foi realmente surpreendente e de acalentar o coração, porque várias estavam sentindo-se solitárias e, com nossa disponibilidade em dialogar e manter esse contato, dando atenção e apoio para cada *bailete*, motivou um jeito delas não ficarem tão isoladas socialmente. O Projeto Bailar vem mostrando o significado de se reinventar nessa quarentena e nós ficamos imensuravelmente felizes em poder acompanhar cada passo desse processo.

Para a outra monitora, estar inserida neste Projeto e, especialmente, no Grupo Baila Cassino, tem todo um significado especial. Por já ter um corpo maduro e saber que a dança traz consigo uma das mais puras expressões de liberdade que o corpo humano pode experimentar, ver nas *bailetes* toda essa experimentação é a prova de que a dança não tem idade e que um corpo maduro não tem prazo de validade.

A possibilidade de estarmos inseridas no Grupo Baila Cassino nos faz refletir sobre a vida em toda sua grandeza, nos estimula a pensar sobre até quando o corpo humano pode aprender coisas novas, nos faz questionar o estereótipo padrão do corpo perfeito e desejado e também a ver a dança com outros olhos. Faz-nos reconhecer que temos que nos despir dos preconceitos enraizados em nossa sociedade e abrir a mente, pois, como diz Botelli (2017, p.4): “todo corpo pode dançar, todo movimento pode ser dança, até o próprio passo de dança, até o não movimento”.

Enquanto discentes, é de suma importância para nossa bagagem acadêmica, pois além de ter um interesse próprio em desenvolver seus estudos sobre a Dança na Maturidade, estamos tendo a oportunidade de obter todo o conhecimento, na prática, enquanto monitoras e bolsista do grupo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENEFÍCIOS da dança na terceira idade. **A mente é maravilhosa.** Jul, 2020. Disponível em:< <https://amenteemaravilhosa.com.br/>>

CASTRO, D.; GONÇALVES, M.C.; SAYÃO, M. E.; SAN MARTINS, R.; SANTOS, E. A maturidade em cena: Experiências com o espetáculo Apenas Mulher no Projeto Bailar. **Paralelo 31**, n.7, p. 88 -115, 2016.

ROMERO, J. **Videodança:** o movimento no corpo plural. 2008. 106 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

BOTELLI, M. A criação coletiva em dança: construindo singularidades e coletividade. SEMINÁRIO INTERNACIONAL TRANS IN-CORPORADOS, 2., Rio de Janeiro, 2017, **Anais...** Rio de Janeiro, v.2